

DOIS DISCURSOS

Roberto Rodrigues*

Em um momento de grandes dificuldades econômicas enfrentadas pelos brasileiros por causa de erros sucessivos cometidos pelo governo nos últimos anos – em parte assumidos – esse mesmo governo vem procurando cobrar mais impostos dos cidadãos – haja vista o tema da CPMF – para concertar tais erros. Em outras palavras, o povo brasileiro é chamado para pagar as bobagens feitas pelo governo que elegeu. Aparentemente faz sentido: o povo escolheu seus governantes, deu-lhes carta branca e agora deve se solidarizar com eles.

A esse respeito, vale a pena lembrar o discurso feito por Margaret Thatcher quando, na condição de primeira Ministra da Inglaterra, (4 de maio de 1979 a 28 de novembro de 1990) levou seu país a um período de grande prosperidade:

“Um dos grandes debates do nosso tempo é sobre quanto do seu dinheiro deve ser gasto pelo Estado e com quanto você deve ficar para gastar com sua família.

Não nos esqueçamos nunca desta verdade fundamental: o Estado não tem outra fonte de recursos além do dinheiro que as pessoas ganham por si próprias.

Se o Estado deseja gastar mais, ele só pode fazê-lo tomando emprestado sua poupança ou te cobrando mais tributos.

E não adianta pensar que alguém irá pagar. Esse “alguém” é você.

Não existe essa coisa de “dinheiro público”.

Existe apenas o dinheiro dos pagadores de impostos. A prosperidade não virá por inventarem mais e mais programas generosos de gastos públicos.

Você não enriquece por pedir outro talão de cheques ao banco.

E nenhuma nação jamais se tornou próspera por tributar seus cidadãos além de sua capacidade de pagar.

Nós temos o dever de garantir que cada centavo que arrecadamos com a tributação seja gasto bem e sabiamente.

Proteger a carteira do cidadão, proteger os serviços públicos, essas são nossas duas maiores tarefas e ambas devem ser conciliadas.

Mas alguém tem que fazer as contas, toda empresa tem de fazê-lo, toda dona de casa tem de fazê-lo, todo governo deve fazê-lo e este irá fazê-lo”.

Thatcher fez as contas, como todo governo deve fazer e reafirmou que o governo tem o papel de proteger a poupança dos cidadãos.

E sobre este último tema houve outro discurso notável, feito por Ronald Reagan no final de seu segundo mandato – também exitoso – como Presidente dos Estados Unidos. Disse ele:

“Nossa Revolução foi a primeira na História da Humanidade que realmente mudou o rumo do governo e com três pequenas palavras: (“We, the People”) Nós, o povo.

Somos nós, o Povo, que dizemos ao governo o que fazer, e não o contrário.

Nós, o Povo, somos o motorista e o governo é o carro, e somos nós que decidimos para onde ele deve ir, por qual rota e em que velocidade.

Quase todas as constituições do mundo são documentos nos quais o Estado diz aos seus cidadãos quais são seus privilégios.

Nossa Constituição é um documento pelo qual nós, o Povo, dizemos ao governo aquilo que lhe é permitido fazer.

Nós, o Povo, somos livres.

Este princípio tem sido o fundamento de tudo o que procurei fazer nos últimos 8 anos.

Mas lá nos anos 60, quando comecei, parecia que começávamos a inverter a ordem das coisas.

Que através de mais e mais regras e regulamentações e tributação predatória, o governo confiscava mais do nosso dinheiro, e mais de nossas opções e mais de nossa liberdade.

Entrei na política, em parte, para poder levantar a minha mão e dizer: Pare!

E espero ter, uma vez mais, recordado às pessoas que o homem não é livre a não ser que o governo seja limitado.

Há uma relação de causa e efeito aqui, tão clara e previsível quanto as leis da física.

À medida que o governo aumenta, a liberdade diminui.”

Dois discursos, boas lições...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do LIDE Agronegócio**